

Elisângela Santana dos Santos
A. Ariadne Domingues Almeida
Nativel Almeida Simões Neto
(Organizadores)

OLHARES SOBRE O LÉXICO: PERSPECTIVAS DE ESTUDO

Salvador
Eduneb
2018

© 2018 Autores

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma
idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil em 2018.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Revisão Textual e Normalização

Tikinet Edições Ltda

Capa

Sidney Silva

Diagramação

Rodrigo C. Yamashita

Revisão Textual de Prova

Cristina da Silva Cunha

Revisão de Diagramação de Prova

Sidney Silva

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudo/ Organizado por
Elisângela Santana dos Santos; A. Ariadne Domingues Almeida e
Natal Almeida Simões Neto. – Salvador: Eduneb, 2018.
364 p.: il.

ISBN 978-85-7887-349-3

1. Léxico - Estudo. 2. Linguística - Estudo. I. Santos, Elisângela
Santana dos. II. Almeida, A. Ariadne Domingues. III. Simões Neto,
Natal Almeida.

CDD: 413.028

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula
41150-000 – Salvador – BA
editora@listas.uneb.br
<https://portal.uneb.br/eduneb>

Esta Editora é filiada à



SUMÁRIO

| | |
|---------------------|----------|
| APRESENTAÇÃO | 9 |
|---------------------|----------|

LÉXICO E SEMÂNTICA

| | |
|---|-----------|
| EMERGÊNCIAS DO LÉXICO, EMOÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM ESTUDO SOBRE XERECUDA | 27 |
|---|-----------|

A. Ariadne Domingues Almeida

| | |
|--|-----------|
| A POLISSEMIA NA ABORDAGEM COGNITIVISTA: UM ESTUDO SOBRE OS ITENS LEXICAIS DAR E TOMAR | 49 |
|--|-----------|

Elisângela Santana dos Santos

LÉXICO E MORFOLOGIA

| | |
|--|-----------|
| A POLISSEMIA EM ESQUEMAS MORFOLÓGICOS [[X]IZAR]_v DO PORTUGUÊS BRASILEIRO | 71 |
|--|-----------|

Carla Elisa Ferreira dos Santos

Natival Almeida Simões Neto

| | |
|--|-----------|
| NOMES EM -TURA (-SURA)/-DURA E -URA | 93 |
|--|-----------|

Maria do Céu Caetano

| | |
|---|------------|
| PADRÕES DE COMPOSIÇÃO DE PALAVRAS NA POESIA MEDIEVAL GALEGO-PORTUGUESA | 111 |
|---|------------|

Antonia Vieira dos Santos

LÉXICO E ONOMÁSTICA

- ANTROPONÍMIA, HISTÓRIA E CULTURA: OS NOMES
PRÓPRIOS PERSONATIVOS EM DOCUMENTOS
PAROQUIAIS BAIANOS DO SÉCULO XIX** 141

Mailson dos Santos Lopes
Juliana Soledade

- SOBRENOMES ITALIANOS: DIATOPIA E IDENTIDADE** 169

Letícia Rodrigues

LÉXICO E FILOGIA

- OS DISCURSOS ACERCA DA SINTAXE SEXUAL ENTRE
HOMENS NA SÁTIRA GALEGO-PORTUGUESA: UMA
LEITURA FILOLÓGICA DA CANTIGA DO FODIMALHO** 205

Arivaldo Sacramento de Souza

- EDIÇÃO E ESTUDO LEXICAL DO CAUSO “OTOMOVE”
DE EULÁLIO MOTTA** 233

Liliane Lemos Santana Barreiros

- O CAMPO LÉXICO DA VAQUEIRAGEM NAS CARTAS
DESTINADAS AO BARÃO DE JEREMOABO** 251

Eliane Santos Leite
Celina Márcia de Souza Abbade

LÉXICO E LEXICOGRAFIA

- A INTERFACE TEXTO/DICIONÁRIO NA SELEÇÃO
VOCABULAR DE CONTOS DE MACHADO DE ASSIS** 271

Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros

- OS VERBOS LEMBRAR E ESQUECER: OS DADOS
DIALETAIS NAS ENTRADAS LEXICAIS** 315

Sandra Pereira

LÉXICO, TEXTO E DISCURSO

**REVISITANDO BAKHTIN: NOTAS SOBRE A LEXICALIDADE
ENTRE PALAVRAS, (DIÁLOGO ENTRE) DISCURSOS E A
CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM** 343

Éderson Luís da Silveira

Lucas Rodrigues Lopes

SOBRE OS AUTORES 357

ANTROPONÍMIA, HISTÓRIA E CULTURA: OS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS EM DOCUMENTOS PAROQUIAIS BAIANOS DO SÉCULO XIX

Mailson dos Santos Lopes

Juliana Soledade

O estudo dos antropônimos sob uma perspectiva histórica, buscando perscrutar suas origens e sua evolução temporal, é uma forma significativa de se resgatar fatos sociais, culturais e identitários. Fatos que parecem perdidos ou dissolvidos pelas vicissitudes do tempo, mas que geralmente são passíveis de ser resgatados por meio da pesquisa científica debruçada sobre a constituição, significação e distribuição dos nomes personativos. Não resta dúvida, portanto, de que a onomástica constitui um manancial de suma importância para a reconstituição da história linguístico-cultural de uma dada sociedade, funcionando como um reflexo das manifestações sociais e ideológicas de um povo.

A pesquisa aqui sucintamente delineada, incidindo sobre os antropônimos registrados nos anos de 1856-1857 no Livro de Casamentos da Freguesia de São Braz de Taperoá, constituiu-se numa observação/descrição empírico-analítica dos processos de surgimento e difusão dos antropônimos na Bahia do século XIX, norteando-se por considerações de cunho etimológico, mórfico-semântico e sócio-histórico, com o escopo primordial de ser um

contributo para a compreensão dos processos de nomeação individual do sistema linguístico do português do Brasil, remetendo também às suas imbricações culturais, históricas e identitárias.

Buscou-se iniciar tal estudo sobre a antroponímia na cidade de Taperoá, na Bahia, em virtude de não se ter notícia da constituição de quaisquer investigações de cunho linguístico diacrônico – e, muito provavelmente, sequer sincrônico – na microrregião baiana da Costa do Dendê, que engloba as cidades de Valença, Taperoá, Cairu, Nilo Peçanha, Ituberá, Igrapiúna, Camamu e Maraú. Além desse fator, outro se mostrou preponderante para o desenvolvimento desta pesquisa: a existência de amplo material manuscrito – em especial do século XIX – contendo registros de casamentos realizados na circunscrição paroquial da Freguesia de São Braz de Taperoá, cuja ereção, segundo Pinheiro (1989, p. 16), ocorreu em 1º de junho de 1838, e que, segundo o mesmo autor, em 29 de maio de 1847, pela resolução nº 284, foi elevada à categoria de Vila.

O núcleo que, *a posteriori*, mais especificamente no ano de 1916, deu origem à cidade de Taperoá foi fundado em 23 de novembro de 1561, por padres jesuítas, com a intenção de catequizar os indígenas daquelas plagas litorâneas, além de estabelecer a presença da colonização portuguesa naquela área. Foi batizada de Aldeia de São Miguel de Taperogua, em virtude de sua fundação se estabelecer no dia do príncipe arcanjo da milícia celeste. Em um dos marcos da cidade, encontra-se o nome do missionário jesuíta Padre Luís Grã como fundador da primitiva aldeia de Taperogua, o que assinala a forte presença do catolicismo naquela região desde os primórdios do período colonial. Isso deve também ser considerado na investigação da *direção* que tomou a antroponímia taperoense.

Algo digno de atenção é o próprio topônimo primitivo da localidade: Aldeia de São Miguel de Taperogua. Observa-se que é formado por uma combinação de nome português com um vocá-

bulo indígena, que, segundo Pinheiro (1989, p. 15), é de origem tupi e significa “morador nas ruínas, nos destroços”. Contudo, há a hipótese de que o termo *Taperoá* signifique “casa velha” ou ainda “saco de pedras”. A toponímia da cidade de Taperoá compreende diversos nomes de origem indígena, o que ocorre, por exemplo, com os nomes dos povoados de Camurugi, Itiúba, Muritiba; o bairro do Pituçu; e o Rio Paripe, também conhecido como Rio do Engenho.

Pinheiro (1989, p. 14) defende que o elemento africano também foi bastante presente na realidade sociocultural taperoense – mais especificamente no século XIX – e corrobora tal ideia indicando uma inscrição presente numa lápide mortuária na lateral da Igreja de São Brás que registra a alforria de mais de cem escravos, nos seguintes termos:

Comendador Francisco Muniz de Oliva, falecido na Vila de Taperoá em 1862, deixando livres da escravidão mais de cem crioulos, que devem orar por alma do seu benfeitor.

Tendo em vista o cenário social, histórico, cultural e religioso da outrora cognominada Villa de Taperoá e associando-se a uma perspectiva de estudo histórico-descritivo da onomástica, este escrito buscará tecer algumas considerações sobre o rol de antropônimos presentes no livro de registros de matrimônios realizados na Freguesia de São Braz de Taperoá nos anos de 1856 e 1857.

SUCINTA DESCRIÇÃO HISTÓRICO-FILOLÓGICA DO DOCUMENTO

O documento em que este trabalho se debruça pertence ao acervo da Paróquia de São Brás de Taperoá, subordinada à Diocese de Amargosa. A atual cidade deriva de um núcleo de cristianização

indígena fundado pelo Padre Luís Grã, da Companhia de Jesus, em 23 de novembro de 1561, que recebeu o nome de Aldeia de São Miguel de Taperogué. Posteriormente, mais especificamente em 1º de junho de 1838, a localidade foi elevada à categoria de Freguesia, e, em 29 de maio de 1847, pela resolução nº 284, foi elevada à categoria de Villa, à qual sucedeu, em 1º de abril de 1916, sua emancipação política, tornando-se sede municipal com foros de cidade (PINHEIRO, 1989, p. 15-16).

Trata-se de um livro oficial, autêntico e original que abarca registros matrimoniais realizados nos termos da Freguesia entre os anos de 1856 e 1907¹. Até onde se pôde verificar, trata-se do mais antigo desse gênero ainda subsistente na paróquia. Não obstante, quando foi encontrado pelo autor deste artigo, achava-se na última gaveta de um antigo arcaz da sacristia, envolto por um saco plástico, conjuntamente com missais do século XIX, e visivelmente exposto à destruidora ação de insetos papirófagos e de intempéries como a umidade.

Quando da possibilidade de desenvolvimento de pesquisa na matéria onomástica da língua portuguesa, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Juliana Soledade Barbosa Coelho, e da subsequente proposta para ingresso na iniciação científica, imediatamente desponhou a ideia da escolha, como *corpus*, do já citado livro de registros matrimoniais, visto que, por possuir uma quantidade elevadíssima de nomes próprios de pessoas – mais de 500 nomes completos de partícipes das cerimônias, entre nubentes, pais destes, sacerdotes e testemunhas, apenas nos 16 primeiros fólios do manuscrito – e por situar-se em séculos passados, era exatamente ideal para um estu-

¹ Há uma interrupção temporal, visto que, do registro de 28 de setembro de 1861, passa-se ao registro datado de 28 de julho de 1884. No intervalo de julho de 1861 a julho de 1884, segundo uma nota marginal rubricada, os registros de casamento foram lançados em outro livro.

do antroponímico de cunho diacrônico, sócio-histórico. Além disso, um estudo linguístico sobre a língua portuguesa na cidade em questão fazia-se necessário, pois, até onde foi possível perscrutar, ainda não houve qualquer estudo de natureza linguístico-diacrônica sobre a língua portuguesa na região litorânea da Costa do Dendê.

A atitude de preservação diante do titânico e injustificável descaso que impera na dita cidade e em cidades vizinhas a respeito da conservação de suas fontes históricas primárias, sobretudo os livros antigos, tanto por parte da Igreja Católica quanto por parte das autoridades civis, constitui o ponto de honra que impele o desenvolvimento dessa pesquisa científica ligada à filologia e à linguística histórica. Pensa-se aqui de maneira perfeitamente igual a Queiroz (2007, p. 21), quando ela afirma que “[a] preservação dos manuscritos que armazenam parte da história baiana, através da edição semidiplomática, é uma tarefa de suma importância tanto para os estudos filológicos quanto para os históricos”.

O *Livro de Casamentos da Freguesia de São Braz de Taperoá*, como mencionado, é um livro oficial paroquial, que, em sua totalidade, contém registros matrimoniais do período de 1856 a 1907, lançados pelos vigários responsáveis pela atividade pastoral naquela circunscrição religiosa. Pode-se defender a autenticidade e originalidade do manuscrito sem qualquer receio, primeiro por conter o visto – firmado em 24 de novembro de 1898, numa visita canônica à freguesia – de Dom Jeronymo, então Arcebispo Primaz do Brasil; segundo, por possuir, além do adendo arquiépiscopal do prelado, oito sucessivos *scriptores*, que eram os clérigos designados para o cargo de vigário na então *Villa de Taperoá* e que, invariavelmente, datavam e rubricavam cada registro, após a celebração das funções religiosas. O *Livro de Casamentos da Freguesia de São Braz de Taperoá* é um livro manuscrito encadernado em couro marrom, tendo por dimensões 313 mm × 220 mm, em cuja capa ainda é

perceptível, no interior de um losango com arestas formadas por depressões (sulcos) preenchidas com tinta de cor preta, a palavra *Casamentos*, escrita com o mesmo tipo de tinta. Acima desse termo, mui possivelmente, havia outros vocábulos, visto que são perceptíveis resquícios da mesma tinta em posição um pouco superior à palavra mencionada.

AS BASES EM QUE SE FUNDAMENTA O ESTUDO

O presente estudo se encaixa na investigação sobre os nomes próprios, ou seja, a onomástica, ramo da linguística cujas contribuições, segundo Stephen Ullmann (1987, p. 161), podem esclarecer muitos aspectos da história política e socioeconômica dos falantes de uma determinada língua.

A onomástica compreende duas subdivisões principais: o estudo dos nomes próprios de pessoas, denominado antroponímia; e o estudo dos nomes de lugares, ou seja, a toponímia. Segundo Maria Vicentina do Amaral Dick (1992, p. 178), enquanto os topônimos possibilitam a definição e precisão de qualquer paisagem terrestre, os antropônimos possibilitam a distinção dos indivíduos entre si, no meio social em que se encontram imersos, ao passo que possibilitam a aquisição de traços de uma personalidade construída através da nominação dos diversos membros constituintes de um núcleo social qualquer:

[...] ambos os designativos [antroponímia e toponímia] ultrapassam, em muito, a conceituação teórica que lhes é atribuída, tornando-se, nas Ciências Humanas, fontes de conhecimento tão excelentes quanto as melhores evidências documentais. São, por assim dizer, verdadeiros registros do cotidiano, manifestado nas atitudes e posturas sociais que, em

certas circunstâncias, a não ser através deles, escapariam às gerações futuras.

Esse excerto da obra *Toponímia e antroponímia no Brasil*, de Dick (1992), encaixa-se como fundamento e justificativa para a constituição deste estudo sobre a antroponímia de Taperoá nos primeiros anos da segunda metade do século XIX. Através do estudo dos nomes próprios revelam-se, muitas vezes, marcas e características sociais e culturais dos habitantes de determinada região, o que, indubitavelmente, contribui para a investigação histórico-linguística dos grupos sociais em questão.

Como referencial teórico basilar para esta pesquisa tem-se o já citado estudo de Dick (1992), que apresenta os traços gerais e básicos de definição dos antropônimos e de sua função identificatória/denotativa, além de pôr em evidência a função sociocultural exercida através dos nomes próprios de pessoas. Consta-se, por exemplo, a presença de traços culturais na antroponímia quando se observa a forte e generalizada ocorrência de hierônimos católicos no nome de pessoas de diversos países europeus e, por extensão, nos territórios que foram colonizados por esses países ou sofreram suas influências culturais.

Além da abordagem de cunho marcadamente social e cultural presente neste artigo, também estarão presentes resquícios de natureza morfológica e etimológica, relacionados aos antropônimos mais representativos dos dados coletados nos registros de casamento do século XIX. Apesar da dificuldade para uma análise do domínio morfológico na antroponímia, o que fica explícito, por exemplo, na complexidade existente em se definir o que é um morfema para a antroponímia, o presente trabalho conterà algumas breves e gerais considerações conjugando a morfologia com a ono-

mástica, baseando-se em estudos de José Lemos Monteiro (2002, p. 205-219) e Castro (2004, p. 245-256).

Pautar-se-á também na etimologia para o esclarecimento de possíveis aspectos significativos e/ou necessários para a análise do *corpus* de nomes próprios de Taperoá do século XIX, através da consulta ao dicionário etimológico de Nascentes (1952).

PRIMEIROS PASSOS

Através da feitura de uma edição fac-similar do manuscrito-fonte, e delimitando-se aos registros matrimoniais dos anos de 1856-1857 (os mais antigos presentes no documento), foi feito um inventário exaustivo – de natureza semidiplomática – dos nomes personativos depreendidos, constituindo-se daí o *corpus* para análise: excluindo-se as repetições, 556 nomes completos de partícipes das cerimônias nupciais.

Feita a coleta absoluta dos antropônimos documentados, e tendo como lastro substancial a fundamentação teórica do *Projeto Todos os Nomes*, foi realizada uma análise descritivo-quantitativa dos aspectos etimológicos, mórfico-semânticos, etimológicos e socioculturais associados aos antropônimos detectados, tendo-se em vista oferecer um quadro geral da antroponímia do século XIX em plagas interioranas da Bahia.

Para a abordagem da antroponímia neste trabalho, constituiu-se um *corpus* a partir de registros de casamentos realizados nos anos de 1856 e 1857, contidos em um livro oficial da Freguesia de São Brás de Taperoá, livro este que, em sua totalidade, contém registros do período de 1856 a 1907, foi redigido pelos vigários responsáveis pela atividade pastoral naquela circunscrição religiosa; e contém autorização e visto — firmados em 24 de novembro de 1898, numa visita pastoral à Freguesia de São Brás de Taperoá — de

Dom Jeronymo, então Arcebispo Primaz do Brasil. Entre os anos de 1856 a 1861, o vigário responsável foi o Reverendo Padre José Antonio de Vasconcellos e, nos anos subsequentes, foram vigários os sacerdotes: Padre Antonio da Silveira Franca, Padre Jeronymo Raviol, Padre Firmino Álvares dos Reis, Padre Miguel Calmon de Aragão Bulcão, Padre Manoel Firmo da Rocha, Padre Felisberto Caetano d'Alcântara e o Padre José Eustychio de Lima.

A respeito deste importante trabalho de registro feito no Brasil, quase exclusivamente, durante séculos, pela Igreja Católica, afirma Claudino (1996), em seu *Dicionário de nomes próprios*:

No início da colonização do Brasil somente foram implantados Cartórios de Registro Civil nas principais cidades onde residia a maioria dos fidalgos. Ficou, então, para os padres da Igreja Católica, principalmente os jesuítas que catequizavam pelo interior, estabelecer, através dos casamentos e batizados, os nomes e sobrenomes. Porém, somente as crianças com os nomes de origem bíblica, [de] santos ou usados pelos fidalgos eram aceitos para batizar, enquanto os de procedência indígena ou negra (afro) eram aconselhados a trocar por um desses nomes mais conhecidos dentro das classes dominantes. Deve-se reconhecer, entretanto, que foi muito proveitosa a colaboração cultural da Igreja na forma da antropônimo no início da colonização do Brasil. Apesar das censuras impostas, se não houvesse os livros de registros de batizados e casamentos da Igreja Católica, muitos nomes e sobrenomes de famílias que no país habitavam teriam desaparecido no tempo e da história, já que os governantes da época tinham pouco ou nenhum interesse em saber de nomes e sobrenomes, onde e como viviam as famílias de então.

A pesquisa até agora realizada debruça-se sobre os fólhos de número 8 a 23 do livro manuscrito, fólhos estes que abarcam

os matrimônios realizados nos anos de 1856 e 1857. Esse *corpus* engloba um total de 644 nomes completos de indivíduos, participantes das cerimônias, na forma de nubentes, pais destes, sacerdotes e testemunhas. O que aqui se denomina como nome completo deve ser entendido como a junção entre prenomes, ou prenomes e sobrenomes, na nomeação dos indivíduos. Ocorrem no *corpus* algumas repetições de nomes completos, o que possivelmente se justifica pelo fato de que algumas pessoas eram repetidamente testemunhas do contrato nupcial, além de haver a repetição do nome dos genitores quando foram registrados casamentos de mais de um de seus filhos.

ASPECTOS LINGUÍSTICOS, SÓCIO-HISTÓRICOS E ETIMOLÓGICOS DA ANTROPONÍMIA DE TAPEROÁ NO SÉCULO XIX

Do *corpus* de 556 nomes personativos completos (excluídas as repetições), 308 fazem referência à nomeação masculina, enquanto os 248 restantes ligam-se à identificação feminina. Depreendem-se 212 prenomes e 146 sobrenomes diferentes, excluídas as repetições e as variações ortográficas.

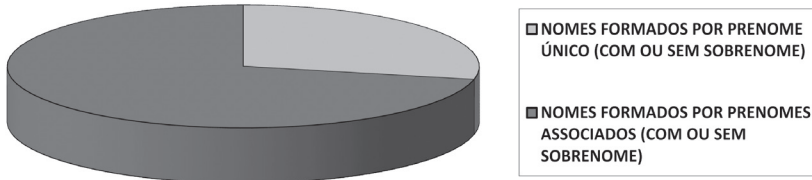
Aspectos distributivos e morfológicos

Nos registros, várias pessoas são nomeadas apenas por prenomes (geralmente duplo ou triplo): Antonio Marcelo, Manoel Martinho, Anna Miguelina, Fillipa Francisca Geralda, Romana Maria Francisca, Alexandrina Maria Madalena, etc., sem qualquer referência de sobrenomes.

O uso de dois ou mais prenomes associados sobrepuja amplamente o uso de prenome único (398 ocorrências de prenomes

justapostos contra 158 de prenomes únicos, isto é, 71,58% *versus* 28,4%).

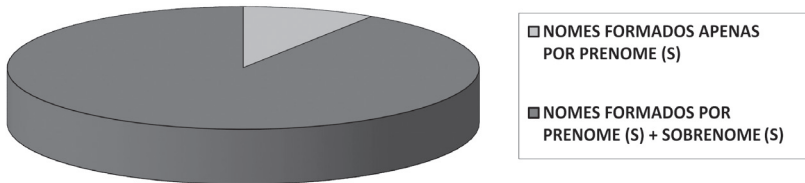
Gráfico 1 – Ocorrências de nomeações a partir do uso de prenome único ou prenomes justapostos



Fonte: Elaborado pelos autores.

Há 51 casos (9,17%) de pessoas identificadas apenas por prenomes.

Gráfico 2 – Ocorrências de nomeações a partir de uso exclusivo de prenomes ou destes associados a sobrenomes



Fonte: Elaborado pelos autores.

Prenomes mais recorrentes: Maria (190 ocorrências), José ~ Jose (99), Anna (54), Antonio (52), Manoel (50), Francisco (45), Francisca (26), João ~ João (25), Joaquim (21), Joanna (14), Joaquina (11), Rosa (11).

Tabela 1 – Prenomes mais recorrentes no *corpus* (quer em posição, quer em secundária, quer em terciária)

| Prenomes | Ocorrências |
|---------------|-------------|
| Maria | 190 |
| José [~ Jose] | 99 |
| Anna | 54 |
| Antonio | 52 |
| Manoel | 50 |
| Francisco | 45 |
| Francisca | 26 |
| Joaõ [~ João] | 25 |
| Joaquim | 21 |
| Joanna | 14 |
| Joaquina | 11 |
| Rosa | 11 |

Fonte: Elaborada pelos autores com dados coletados em livro de registros de matrimônios da *Freguesia de São Braz de Taperoá*, nos anos de 1856 e 1857.

Sobrenomes mais recorrentes: de Jesús ~ de Jesus (55 ocorrências), da Conceição ~ da Conceição (31), da Silva (35), dos Santos (32), do Sacramento (31), Pereira (20), de Santa Anna ~ de Sant'Anna (18), de S. José ~ de S. Jozé (17).

Tabela 2 – Sobrenomes mais recorrentes no *corpus*

| Prenomes | Ocorrências |
|--------------------------------|-------------|
| De Jesús [~ de Jesus] | 55 |
| da Conceição [~ da Conceição] | 31 |
| da Silva | 35 |
| dos Santos | 32 |
| do Sacramento | 31 |
| Pereira | 20 |
| de Santa Anna [~ de Sant'Anna] | 18 |
| de S. José [~ de S. Jozé] | 17 |

Fonte: Elaborada pelos autores com dados coletados em livro de registros de matrimônios da *Freguesia de São Braz de Taperoá*, nos anos de 1856 e 1857.

Os sobrenomes, em grande parte dos registros do manuscrito, não são transmitidos de geração a geração. Em contrapartida, muitas vezes ocorre a transmissão regular de prenomes dos genitores para sua prole. Observa-se, por conseguinte, um efeito de dupla e proporcional inversão em relação à atribuição de antropônimos na hodiernidade, em que sobrenomes passam de pai/mãe para filhos, não necessariamente ocorrendo o mesmo com os prenomes.

Nos casos em que há a transmissão regular de sobrenomes, constata-se que os homens herdaram o sobrenome paterno, enquanto as mulheres, o sobrenome materno, como no registro a seguir:

42.º No dia 19 de Maio de 1856 nas matas desta Freguesia de S. Braz de Taperoá o Rdo. Franciscano Frei Manuel da Ressurreição, assistio, de licença minha, e perante Florencio Marques de Jesús e Bernardino Coitinho de Eça, ao casamento de *Bernardino Francisco de Sousa*, filho legítimo de *Francisco Xavier de Sousa*, e *Thereza Francisca de*

Jesus, com Joaquina Francisca de S. José filha legítima de Eugenio Pinto de S. Anna, e de Maria de S. José, e logo lhes lançou as benções nupciais. E para constar faço este termo, em que me assigno. O Vigario José Antonio de Vasconcellos.

Fonte: *Livro de Casamentos da Freguesia de S. Bráz de Taperoá*. F. 08, verso/ L.11-22 (grifos nossos).

Dos sete processos morfológicos possíveis para a formação de antropônimos (MONTEIRO, 2002), tem produtividade no *corpus* a sufixação, para os prenomes (por exemplo, em Agostinho, Bernardino, Carolina, Constantino), e a derivação imprópria, apenas para sobrenomes (por exemplo, Barros, Coelho, Cabral, Machado, Nogueira, Peroba). Inexistem antropônimos formados via acrossemia, anagrama ou braquissemia. Não se detecta caso algum de antropônimo que possa ser considerado neologismo ou empréstimo constituído no século XIX.

Aspectos etimológicos

Observa-se, para os prenomes, a predominância de étimos greco-latinos, que, juntos, abarcam quase 70% das ocorrências. Também são representativos os prenomes de étimos germânico e hebraico, cada uma dessas línguas com uma cota de cerca de 10% das ocorrências. Observa-se também a pouca representatividade que teve o árabe para a formação do quadro antroponímico do português, ao contrário do que ocorreu na formação do léxico comum dessa língua.

Tabela 3 – Cômputo da etimologia dos prenomes

| ÉTIMO | NÚMERO DE PRENOMES DISTINTOS | DADOS PERCENTUAIS |
|--|------------------------------------|----------------------|
| Alemão | 1 | 0,47% |
| Árabe | 2 | 0,94% |
| Aramaico | 3 | 1,41% |
| Francês | 1 | 0,47% |
| Germânico | 29 | 13,68% |
| Grego | 50 | 23,58% |
| Hebraico | 22 | 10,37% |
| Italiano | 2 | 0,94% |
| Latino | 96 | 45,28% |
| Latino-germânico | 2 | 0,94% |
| Obscuro/ desco- nhecido/ altamen- te controverso | 4 | 1,89% |
| TOTAL | 212 | 100% |

Fonte: elaborada pelos autores com dados coletados em livro de registros de matrimônios da *Freguesia de São Braz de Taperoá*, nos anos de 1856 e 1857

Para a formação dos sobrenomes há 16 fontes etimológicas distintas, em que são predominantes os étimos greco-latinos, abrangendo 63% dos sobrenomes coletados. Interessante é o aparecimento, nos sobrenomes, de um representante de etimologia tupi e outro de etimologia africana. Na categoria dos prenomes, tais étimos são totalmente apagados. Observa-se também a redução dos étimos gregos nos sobrenomes, se comparados aos prenomes: 23,58% naqueles, 6,85% nestes.

Tabela 4 – Cômputo da etimologia dos sobrenomes

| ÉTIMO | NÚMERO DE PRENOMES DISTINTOS | DADOS PERCENTUAIS |
|---|------------------------------------|----------------------|
| Africano | 1 | 0,68% |
| Árabe | 4 | 2,75% |
| Aragonês | 1 | 0,68% |
| Basco | 1 | 0,68% |
| Castelhano | 4 | 2,75% |
| Francês | 1 | 0,68% |
| Inglês | 1 | 0,68% |
| Galego | 1 | 0,68% |
| Germânico | 9 | 6,16% |
| Grego | 10 | 6,85% |
| Hebraico | 8 | 5,48% |
| Italiano | 1 | 0,68% |
| Latino | 82 | 56,17% |
| Onomatopaico | 1 | 0,68% |
| Pré-romano | 8 | 5,49% |
| Tupi | 1 | 0,68% |
| Obscuro/ des- conhecido/ altamente contro- vertido | 12 | 8,23% |
| TOTAL | 146 | 100% |

Fonte: elaborada pelos autores com dados coletados em livro de registros de matrimônios da *Freguesia de São Braz de Taperoá*, nos anos de 1856 e 1857.

Fazendo uma análise quantitativa do cômputo geral da etimologia dos nomes (prenomes e sobrenomes) do *corpus*, verifica-se que a metade deles é ligada a um étimo latino, ao que seguem os nomes com étimo grego (16,76%), germânico (10,61%) e hebraico (8,38%), que são os mais representativos no *corpus*. Essas quatro línguas abarcam juntas significativos 85,5% dos étimos formadores dos nomes registrados na documentação analisada. Os demais étimos, advindos de outras línguas, são minoritários, abarcando, juntos, apenas 9,23% dos antropônimos. Destarte, havendo uma etimologia conservadora, de predominância grego-germânico-latina, há também processos de nomeação conservadores, em que não há espaço para a inserção de prenomes ou sobrenomes neológicos. Assim, o quadro antroponímico baiano do século XIX comporta-se como extremamente conservador, ligado à imposição de nomes altamente tradicionais.

Tabela 5 – Cômputo geral da etimologia dos antropônimos no *corpus* (levando-se em consideração prenomes e sobrenomes)

(Continua)

| ÉTIMO | NÚMERO DE PRENOMES DISTINTOS | DADOS PERCENTUAIS |
|------------|------------------------------|-------------------|
| Africano | 1 | 0,28% |
| Alemão | 1 | 0,28% |
| Árabe | 6 | 1,68% |
| Aragonês | 1 | 0,28% |
| Aramaico | 3 | 0,84% |
| Basco | 1 | 0,28% |
| Castelhano | 4 | 1,12% |
| Francês | 2 | 0,56% |
| Inglês | 1 | 0,28% |

Tabela 5 – Cômputo geral da etimologia dos antropônimos no *corpus*
(levando-se em consideração prenomes e sobrenomes)

(Conclusão)

| ÉTIMO | NÚMERO DE PRENOMES DISTINTOS | DADOS PERCENTUAIS |
|--|------------------------------------|----------------------|
| Galego | 1 | 0,28% |
| Germânico | 38 | 10,61% |
| Grego | 60 | 16,76% |
| Hebraico | 30 | 8,38% |
| Italiano | 3 | 0,84% |
| Latino | 178 | 49,72% |
| Latino-germânico | 2 | 0,56% |
| Onomatopaico | 1 | 0,28% |
| Pré-romano | 8 | 2,23% |
| Tupi | 1 | 0,28% |
| Obscuro/ desco- nhecido/ altamen- te controvertido | 16 | 4,46% |
| TOTAL | 358 | 100% |

Fonte: elaborada pelos autores com dados coletados em livro de registros de matrimônios da *Freguesia de São Braz de Taperoá*, nos anos de 1856 e 1857.

LÉXICO E RELIGIÃO

É patente que, em muitas – talvez em todas – as sociedades humanas, tanto de tempos pretéritos como da hodiernidade, a nomeação dos indivíduos vem em geral acompanhada de influências históricas, políticas, religiosas ou culturais que permeiam as circunstâncias de tal nomeação. Conforme Maria Vicentina de

Paula do Amaral Dick (1992, p. 181-182) em obra sua intitulada *Toponímia e antroponímia no Brasil*,

[o]s aspectos semânticos que os nomes de pessoa podem ressaltar estão ligados aos motivos que, em determinadas épocas e regiões, orientavam a criação dos antroponímicos, os quais, dessa forma, se tornavam aptos a refletir os costumes das civilizações envolvidas como manifestações culturais do seu povo.

A influência do catolicismo fica explícita na grande gama de antroponímicos reunidos no *corpus*. A maioria esmagadora dos prenomes é de hagiônimos, e muitos sobrenomes fazem referência a nomes de aspectos da vida de Cristo, de Maria, de santos, ou a aspectos da liturgia católica, tais como de Deos, de Santa Anna, do Sacramento, d'Assumpção, Quaresma, da Paixão, do Amor Divino, etc. Os nomes de origem indígena e africana são totalmente apagados na sociedade taperoense, ao menos nos primeiros anos da segunda metade do século XIX, o que não causa espanto, pois somente eram aceitos os nomes de origem bíblica, de santos ou aqueles mais antigos, com raízes fincadas em Portugal (de origem greco-romana ou hebraica, sendo também representativos os de origem germânica). Verifica-se que, no século XIX, na antroponímia taperoense, era completamente generalizada a utilização de nomes de santos do calendário litúrgico, o que pode ser justificado pela ideia de que, adotando um hagiônimo, o neófito gozaria da proteção e auxílio do respectivo santo.

Tabela 6 – Prenomes e sobrenomes de matiz oriundo do cristianismo presentes no *corpus*

| Prenomes | Sobrenomes |
|--------------------|---------------------|
| Isabel Maria | do Amor Divino |
| [Frei] José | da Rainha dos Anjos |
| Gertrudes Maria | de São José |
| Maria | de São José |
| Rosa Francisca | de São João |
| José da Hora | d'Assumpção |
| Maria | de São Pedro |
| Anna Maria | do Espírito Santo |
| Pedro | Catharina de Senna |
| Izabel Maria | do Carmo |
| Romão Marcos | da Trindade |
| Maria Magdalena | do Amor Divino |
| João Manoel | de Alleluia |
| Maria Benedicta | dos Reis |
| Manoel André | dos Anjos |
| Serafim | dos Anjos Quaresma |
| João Baptista | dos Innocentes |
| Florência Maria | do Sacramento |
| Maria Egipcíaca | de São José |
| Salvador Francisco | de Jesús |

Fonte: elaborada pelos autores com dados coletados em livro de registros de matrimônios da *Freguesia de São Braz e Taperoá*, nos anos de 1856 e 1857.

O que impressiona em relação aos aspectos culturais que permeiam a antroponímia estudada no manuscrito é o seu apego ao caráter religioso, tão marcado, que faz com que não apenas nos nomes, mas inclusive nos sobrenomes haja uma ligação hagiográfica. É uma nomeação, diga-se de passagem, que se assemelha sobremaneira ao processo de troca de onomástico realizado nas ordens religiosas mais tradicionais, como carmelitas descalços e beneditinos, por exemplo. Pensando sobre uma hipótese que pudesse justificar esse fenômeno, crê-se que seria um mecanismo de demonstrar a acentuada catolicidade dos envolvidos na nomeação. Ao deparar-nos com a obra *Insulte usted sabiendo lo que dice y otros estudios sobre el léxico*, de autoria do Prof. Manuel Ariza (2008, p. 193, tradução nossa), mais firme ficou essa proposição, pois ele, ao tratar da antroponímia espanhola do século XVI, afirma que:

[o]s cristãos, antes como agora, deviam ter nomes cristãos, o que propiciou a rejeição da onomástica pessoal árabe. A este respeito, convém recordar que, no século XVI, quando se acentua a pressão sobre mouriscos e também sobre os judeus, proíbe-se a estes que mantenham os nomes “pagãos” e inclusive se proíbe o uso de alguns determinados santos cristãos. E não apenas o nome de batismo, mas também o sobrenome era cristianizado, daí como sabido, a proliferação de santos entre sobrenomes judeus. Isto o sabiam bem no Século de Ouro Espanhol, pelo que todos os que liam El Buscón entendiam as referências quevedescas, quando, ao começo, Pablos fala de sua mãe: “Esteve casado com Aldonza de San Pedro, filha de Diego de San Juan e neta de Andrés de San Cristóbal. Suspeitava-se na vila que não era cristã velha, embora já portasse cabelos brancos, ainda que,

por nomes e apelidos de seus antepassados, esforçava-se para provar que descendia de bem-aventurados.²

É a influência e preponderância da doutrina católica romana na região baiana estudada que hipoteticamente justifica a frequência dos prenomes Francisco e Francisca, cuja ocorrência era párea com a de prenomes como Antonio, José, Anna, João, Joanna, Antonia. Tal uso generalizado desses dois prenomes pode ser explicado pela difusão da devoção a São Francisco de Assis, através da constante atuação dos frades franciscanos oriundos do Convento de Santo Antônio de Cairu, que eram os religiosos responsáveis pela atividade pastoral e missionária naquela região.

Impressiona a relação tão marcada da antroponímia tape-roense do século XIX e a religiosidade católica: tanto nos prenomes quanto nos sobrenomes, há uma ligação indiscutível com a hagiografia. É uma nomeação que muito se assemelha ao processo de troca de onomástico realizado nas ordens religiosas mais tradicionais, como carmelitas descalços, cistercienses, cartuxos e beneditinos.

Há uma completa generalização da apropriação de nomes de santos do Martirologio Romano, o que pode ser visto como um mecanismo para se demonstrar socialmente a acentuada catolicidade dos envolvidos no processo de imposição dos antropônimos.

² No original: “Los cristianos, ayer como hoy, debían tener nombres cristianos, lo que propició el rechazo de la onomástica personal árabe. A este respecto conviene recordar que en el siglo XVI, cuando se acentúa la presión sobre los moriscos y también sobre los judíos, se prohíbe a estos que mantengan los nombres ‘paganos’ e incluso se prohíbe el de algunos santos cristianos muy concretos. Y no solo el nombre de pila, también el apellido era ‘cristianizado’, de ahí como es sabido la proliferación de santos entre los apellidos judíos. Esto lo sabían bien en el Siglo de Oro, por ello todos los que leían el Buscón entendían las referencias quevedescas, cuando al comienzo Pablos habla de su madre: ‘Estuvo casado con Aldonza de San Pedro, hija de Diego de San Juan y nieta de Andrés de San Cristóbal. Sospechábase en el pueblo que no era cristiana vieja, aun viéndola con canas y rota, aunque ella por los nombres y sobrenombres de sus pasados, esforzaba que descendía de la Gloria.” (ARIZA, 2008, p. 193).

Dos 212 prenomes registrados no *corpus*, 150 são hagiônimos propriamente ditos (o que representa 70,75% dos casos). Outros 49 prenomes (23,11% dos casos), apesar de não se comportarem como nomes de santos propriamente ditos, são formados via motivação religiosa, sendo derivados de hagiônimos com acréscimo afixal, ou ligados a eles através de outros fenômenos. Assim sendo, confirma-se a grande influência do catolicismo romano nos antropônimos taperoenses do século XIX: 94% dos prenomes têm correspondência direta ou indireta com a tradição litúrgico-hagiográfica católica.

Já em relação aos sobrenomes, 58 deles (40%) são religiosamente motivados, constituídos através de cinco processos distintos:

- a. adoção de um sobrenome ou epíteto de um santo (por exemplo, de Aquino, sobrenome de São Tomás de Aquino; Batista e Evangelista, respectivamente, epítetos de São João Batista e de São João Evangelista; de Senna, sobrenome de Santa Catarina de Sena; Xavier, sobrenome de São Francisco Xavier);
- b. apropriação de nomes de santos, observável através dos seguintes exemplos: Carlota Maria de Santa Anna; Gertrudes Maria de São José; Maria Joaquina de São Pedro (tais sobrenomes, no *corpus*, só ocorrem na nomeação de mulheres);
- c. adoção de termos relacionados a mistérios da vida de Cristo ou da Virgem Maria (por exemplo, da Boa-Morte e Assunção, ligados, respectivamente, à “dormição” e à assunção da Virgem aos céus em corpo e alma; Paixão e Ressurreição, associados, respectivamente, ao martírio de Cristo e ao seu ressurgir dentre os mortos);
- d. adoção de invocações marianas (por exemplo, Amparo, de Nossa Senhora do Amparo; do Bonconselho, da invocação da ladainha lauretana: Mater Boni Consilii; do Carmo, de Nossa Senhora do Monte do Carmo/Monte Carmelo); adoção de expressões, nomes de objetos ou de termos litúrgicos próprios ao catolicismo romano (por exemplo, Alleluia, do lat. ecles. *alleluia*, derivado do heb. *halleluyah*, “louvai a Deus”; da Cruz,

do s. com. cruz; Quaresma, do tempo litúrgico quaresmal).
(Significado de s. com.: substantivo comum.)

Pensando-se sobre uma hipótese que justificasse esse fenômeno, crê-se que este seria um mecanismo de demonstrar socialmente a acentuada catolicidade dos envolvidos na nomeação. Corroboram essa ilação as afirmações de Ariza (2008, p. 103, tradução nossa):

Muitos são os domínios linguísticos em que podemos perceber a influência da Igreja. Evidentemente, os nomes próprios são campo abonado para isso. Recordemos que os judeus conversos “sacralizam” até seus sobrenomes para mostrar onomasticamente seu cristianismo e, assim, livrar-se da Inquisição [...].³

A ocorrência de sobrenomes formados por nomes de santos e nomes completos formados apenas por prenomes (hagiônimos) incita a hipótese de tal fenômeno estar associado à nomeação de escravos africanos ou afrodescendentes. Tanto para a ocorrência de sobrenomes formados por nomes de santos como para a ocorrência de nomes completos formados apenas por prenomes justapostos (hagiônimos), uma breve conversa com a Prof.^a Dr.^a Tânia Lobo Conceição Freire (da Universidade Federal da Bahia, especialista em história social da língua portuguesa) incitou a hipótese de se cogitar tal fenômeno como associado à nomeação de negros – escravos ou alforriados –, aos quais eram impostos prenomes e, às vezes,

³ No original: “Muchos son los dominios lingüísticos en donde podemos percibir el influjo de la Iglesia. Evidentemente los nombres propios son campo abonado para ello. Recordemos que los judíos conversos ‘sacralizaron’ hasta sus apellidos para mostrar onomásticamente su cristianismo y, seguramente, librarse así de la Inquisición [...]”.

sobrenomes, de matiz religioso. Tal hipótese pode ser defendida, pois se verifica que em meados do século XIX era significativa a população negra e escrava na região (basta recordar que o Comendador Francisco Muniz de Oliva, taperoense falecido em 1862, possuía mais de cem escravos).

No *corpus* analisado, há um apagamento quase absoluto dos antropônimos indígenas e africanos, aparecendo apenas um representante de cada: *Peroba*, *Tiriri*. Chama atenção no manuscrito a presença deste último, de provável origem africana, no registro de Manoel Francisco da Silva Tiriri, sobrenome que faria alusão a Exu, divindade do panteão africano.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Através do estudo de registros paroquiais – fontes seriais básicas para o estudo histórico-demográfico da família e da realidade social brasileiras –, a pesquisa realizada sobre o sistema onomástico do português brasileiro do século XIX permitiu observar as conexões existentes entre língua, história e cultura, corroborando o princípio de que a história de uma língua é indissociável da história dos seus utentes e da sociedade, cultura e mentalidades destes.

O sistema antroponímico analisado era muito mais fechado que na contemporaneidade, não havendo espaço considerável para inovações. A atribuição de nomes próprios personativos era extremamente conservadora, o que é corroborado pela frequente repetição dos antropônimos, em sua maioria motivados religiosamente, de forma tão marcada quanto aquela que ocorre na imposição de onomástico a frades e freiras das ordens religiosas mais tradicionais do catolicismo.

Se, na atualidade, verifica-se como característica preponderante da antroponímia brasileira um forte e recorrente

processo de renovação lexical, fica patente que assim não o era há 150 anos, pelo menos em plagas interioranas da Bahia. Pelo contrário: o sistema de atribuição de nomes próprios de pessoas parecia ser até muito conservador, o que é corroborado pela frequente repetição de antropônimos ligados à hagiografia. Tudo parece apontar para a hipótese de que o processo de criação de antropônimos através de neologia, apesar de ser bastante produtivo, é algo recente na língua portuguesa no Brasil, muito possivelmente apenas a partir da segunda metade do século XX.

Dessa pesquisa sobre a antroponímia histórica através do estudo de registros paroquiais – fontes seriais básicas para a compreensão histórico-demográfica da família e da realidade social –, resulta o desejo de que este seja um pequeno contributo para o estudo da onomástica no Brasil. Com o desenvolvimento da pesquisa, pôde-se verificar empiricamente a importância dos estudos onomásticos para a compreensão da língua, cultura e ideologia de um povo. Observando-se de perto os processos de surgimento, constituição e difusão dos antropônimos, vê-se claramente que eles se estabelecem como verdadeiros *fósseis*, como espécies de *pegadas* através das quais se podem estabelecer diálogos com outras épocas e outras culturas e, conseqüentemente, outros modos de pensamento.

REFERÊNCIAS

ARIZA, Manuel. *Insulte usted sabiendo lo que dice y otros estudios sobre el léxico*. Madrid: Arco; Libros, 2008.

CASTRO, Ivo. A atribuição do nome próprio no espaço luso-brasileiro. In: AGRELO, Ana Isabel Boullón (Ed.). *Novi te ex*

nomine. Estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer.
A Coruña: Fundación Pedro Barrié de La Maza, 2004. p. 245-256.

CLAUDINO, Salvato. *Dicionário de nomes próprios.* São Paulo: Thirê, 1996. In: <<http://www.certidao.com.br/cartorios/antroponimia.php>>. Acesso: 12 nov. 2008.

COELHO, Juliana Soledade Barbosa. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes próprios personativos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA — HOMENAGEM A ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA, 1., 2009, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA; UEFS; UNEB, 2009. Comunicação. Disponível em: <<http://www.rosae.ufba.br/modulos/submissao/Upload/19666.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018. (Versão digitalizada).

CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos funcionais da antroponímia. In: DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos.* 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992. p. 178-200.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa.* Lisboa: Horizonte; Confluência, 2003. 3 v.

MONTEIRO, José Lemos. Formação de antropônimos. In: MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa.* 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes, 2002. p. 205-219.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: nomes próprios.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

Elisângela Santana dos Santos, A. Ariadne Domingues Almeida
e Natival Almeida Simões Neto [Organizadores]

PINHEIRO, Osmar. *Taperoá: minha terra, minha gente e sua política*. Salvador: Contemp, 1989.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: livros de notas de escrituras*. v. 1. Feira de Santana: UEFS, 2007.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.